

A FOTOGRAFIA COMO INSTRUMENTO DA DIALÉTICA ANÚNCIO/DENÚNCIA: DIÁLOGO COM A DECOLONIALIDADE NA BUSCA POR OLHARES OUTROS

TIAGO SABOIA¹

RESUMO

Este artigo tem como objetivo construir reflexões acerca do fazer fotográfico situado no contexto da Investigação-Ação-Participativa comprometida ética e politicamente com o fortalecimento das estratégias insurgentes e emancipadoras das condições de colonialidade do ser, saber e poder. Nesse sentido, partindo de uma decolonialidade do ver, propomos um diálogo entre referenciais decoloniais e autores cujo posicionamento político colaboram com a opção decolonial, como Orlando Fals Borda, Paulo Freire, Franz Fanon e Boaventura de Souza Santos. No bojo dessas discussões, assumimos um fazer fotográfico que esteja a serviço das causas populares e em permanente diálogo e compromisso com a superação das condições de subalternidade impostas pela matriz moderno/colonial, principalmente o racismo. Assim, o fotografar dialógico ou sentipensante apresentado neste artigo assume tanto um compromisso metodológico quanto um compromisso social e político na pesquisa.

PALAVRAS-CHAVE

Fotografia; Pesquisa; Decolonialidade.

PHOTOGRAPHY AS AN INSTRUMENT OF THE ADVERTISEMENT/DENUNCIATION DIALECTIC: A DIALOGUE WITH DECOLONIALITY IN THE SEARCH FOR ALTERNATIVE PERSPECTIVES

ABSTRACT

This article aims to construct reflections on photographic practice situated within the framework of participatory action research committed ethically and politically to strengthening insurgent and emancipatory strategies regarding the conditions of coloniality in being, knowing, and power. In this sense, starting from a decolonial perspective of seeing, we propose a dialogue between decolonial frameworks and authors whose political positioning aligns with the decolonial option, such as Orlando Fals Borda, Paulo Freire, Franz Fanon, and Boaventura de Souza Santos. Within these discussions, we embrace a photographic practice that serves popular causes and maintains a continuous dialogue and commitment to overcoming the conditions of subalternity imposed by the modern/colonial matrix, especially racism. Thus, the dialogical or "sentipensante" photography presented in this article assumes both a methodological commitment and a social and political commitment in research.

KEYWORDS

Photography; Research; Decoloniality.

¹ Docente da Universidade Federal do Pará (UFPA) na Faculdade de Educação do Campo do Campus Universitário do Tocantins, Cametá, Pará.

LA PHOTOGRAPHIE COMME INSTRUMENT DE LA DIALECTIQUE ANNONCE/DÉNONCIATION: DIALOGUE AVEC LA DÉCOLONIALITÉ DANS LA RECHERCHE DE REGARDS ALTERNATIFS

RÉSUMÉ

Cet article vise à construire des réflexions sur la pratique photographique située dans le cadre de la Recherche-Action-Participative engagée éthiquement et politiquement dans le renforcement des stratégies insurgées et émancipatrices des conditions de colonialité de l'être, du savoir et du pouvoir. Dans ce sens, partant d'une décolonialité du voir, nous proposons un dialogue entre les cadres décoloniaux et les auteurs dont la position politique soutient l'option décoloniale, tels que: Orlando Fals Borda, Paulo Freire, Franz Fanon et Boaventura de Souza Santos. Dans le cadre de ces discussions, nous assumons une pratique photographique au service des causes populaires et en dialogue permanent et engagement pour surmonter les conditions de subalternité imposées par la matrice moderne/coloniale, notamment le racisme. Ainsi, la photographie dialogique ou "sentipensante", présentée dans cet article, assume à la fois un engagement méthodologique et un engagement social et politique dans la recherche.

MOTS-CLÉS

Photographie; Recherche; Décolonialité.

LA FOTOGRAFÍA COMO INSTRUMENTO DE LA DIALÉCTICA ANUNCIO/DENUNCIA: DIÁLOGO CON LA DECOLONIALIDAD EN LA BÚSQUEDA DE MIRADAS ALTERNATIVAS.

RESUMEN

Este artículo tiene como objetivo construir reflexiones sobre la práctica fotográfica situada en el contexto de la Investigación-Acción-Participativa comprometida ética y políticamente con el fortalecimiento de las estrategias insurgentes y emancipadoras de las condiciones de colonialidad del ser, el saber y el poder. En este sentido, partiendo de una decolonialidad del ver, proponemos un diálogo entre marcos decoloniales y autores cuyo posicionamiento político colabora con la opción decolonial, tales como: Orlando Fals Borda, Paulo Freire, Franz Fanon y Boaventura de Souza Santos. En el marco de estas discusiones, asumimos una práctica fotográfica al servicio de las causas populares y en constante diálogo y compromiso con la superación de las condiciones de subalternidad impuestas por la matriz moderno/colonial, principalmente el racismo. Así, la fotografía dialógica o "sentipensante", que se presenta en este artículo, asume tanto un compromiso metodológico como un compromiso social y político en la investigación.

PALABRAS CLAVE

Fotografía; Investigación; Decolonialidad.

INTRODUÇÃO

Fotografar é colocar na mesma linha de mira a cabeça, o olho e o coração
(Henri Cartier-Bresson)

No contexto das pesquisas acadêmicas, com exceção de campos como a antropologia visual² (Achutti, 2004) e a sociologia que tem a fotografia como aporte metodológico, ainda há um predomínio da tradição escrita em detrimento de outras linguagens, incluindo a linguagem visual. Nesse sentido, Boris Kossoy (2001) argumenta que o “aprisionamento multissecular à tradição escrita como forma de transmissão do saber [...] nossa herança livresca predomina como meio de conhecimento científico” (p. 30). Quando utilizada, a fotografia assume um papel secundário na pesquisa, geralmente como forma de ilustração, contextualização ou até mesmo como comprovação da realidade.

Compreendemos que tanto o uso secundário da fotografia quanto sua inclusão na construção de narrativas visuais devem levar em consideração complexas questões teórico-metodológicas (Landa; Alvarez, 2017). No entanto, não é nossa intenção abordar tais questões neste artigo. Diversos autores se dedicaram a analisar o uso da fotografia nas ciências sociais, principalmente na antropologia³. Nossa intenção aqui é trazer elementos voltados para a construção de compreensões acerca do fazer fotográfico e sua importância no contexto das pesquisas que assumem o compromisso social de colocar-se na realidade, em suas lutas, vivendo e aprendendo em um movimento de busca de elaboração de conhecimento, conforme Fals Borda (2015). Pesquisas que buscam estabelecer um rigor outro e que, para isso, consideram métodos sensíveis e poéticos em sua artesanaria metodológica, conforme provocam Ferreira e Santana (2023).

Assim, as reflexões construídas neste artigo partem do contexto de uma pesquisa de doutorado em desenvolvimento, realizada *com*⁴ as comunidades quilombolas localizadas em Cametá, Pará. Metodologicamente inspirados na Investigação-Ação-Participativa (IAP) de Fals Borda (1978; 1984), a pesquisa é compreendida como um campo de luta social, política e de produção de conhecimento coletivo, visando a melhoria das condições de vida no território. Ao longo do percurso trilhado, buscamos coletivamente pensar estratégias e

² Área na qual destacam-se importantes pesquisadores que desempenharam um papel fundamental no estabelecimento da antropologia visual, explorando o potencial das imagens visuais como meios de pesquisa e expressão antropológica, tais como Gregory Bateson, Margaret Mead e Edward S. Curtis.

³ Ver o brilhante levantamento de Ana Luiza Carvalho da Rocha e Cornelia Eckert (2018).

⁴ A opção pela escrita *com o território* busca demarcar a pesquisa como construção coletiva e de coprodução do conhecimento com os sujeitos-território, intencionada no percurso metodológico da pesquisa.

caminhos possíveis para a resolução dos principais problemas vivenciados no território, bem como estratégias de valorização da cultura quilombola local.

Nos desafiamos, assim, a construir um percurso metodológico que considera a denúncia e o anúncio como dimensões indissociáveis e vitais para o desenvolvimento de pesquisas *com* e *para* o povo e, portanto, de caráter popular (Bonilla; Castillo; Fals Borda; Libreros, 1972). Sobre a relação denúncia/anúncio, Freire (2000, p. 81) nos ensina que “a mudança do mundo implica a dialetização entre a denúncia da situação desumanizante e o anúncio de sua superação, no fundo, o nosso sonho”.

Desse modo, todas as nossas ações *com* o território quilombola estão ancoradas a partir a compreensão da pesquisa como campo de práxis social, conforme destaca Macedo (2009). Para o autor:

A pesquisa é um campo da práxis social, como tal deve satisfazer à sua comunidade e à sociedade com a qual ela se compromete em termos de qualidade e responsabilidade, carregando todas as insuficiências, todos os inacabamentos e conflitos que se espera em qualquer prática humana (Macedo, 2009, p. 82).

Nos aportes teóricos-metodológicos da IAP, Fals Borda aproxima o conceito de práxis social à ideia de resistência popular e luta política. Isso implica dizer que os conhecimentos produzidos devem considerar características naturais, sociais e econômicas e que devem estar relacionados às questões de cunho social relevantes para as pessoas do lugar (Fals Borda, 2015 [1968]).

Pensar sob esse paradigma requer (re)estruturar outras formas de sentir, pensar e agir na pesquisa. Se a investigação se propõe a estar ao lado dos sujeitos sociais, lutando suas lutas e sonhando seus sonhos possíveis, a vivência e a compreensão acerca da realidade tornam-se um aspecto a ser buscado constantemente. Essa busca implica em um envolvimento do pesquisador com olhares e compreensões internas e particulares dos processos investigados. O que se busca, portanto, são formas de colocar nosso pensamento e nossa arte (por que não?) a serviço de uma causa. Dessa forma, a fotografia tornou-se um elemento fundamental na escritura da narrativa da denúncia/anúncio e, conseqüentemente, tornou-se um dos elementos de maior potência em nossa pesquisa. Fato este que nos motivou ao esforço de sistematizar neste artigo parte das experiências vivenciadas com o movimento quilombola em Cametá.

Dessa forma, ao longo do artigo, buscamos responder à seguinte pergunta: quais são os caminhos possíveis para a utilização do registro fotográfico como instrumento de luta na ação política que busca transformações e emancipação social?

Para fundamentar nossas reflexões, propomos um diálogo entre referenciais teóricos do grupo modernidade/colonialidade para pensar a pesquisa desde uma abordagem decolonial. Além disso, como forma de estruturar a ideia da fotografia como ferramenta insurgente, dialogamos com quatro principais autores: Orlando Fals Borda, Paulo Freire,

Franz Fanon e Boaventura de Souza Santos. Esse diálogo nos permite uma corajosa aproximação entre as reflexões sobre a dimensão social do fazer fotográfico e a pesquisa do giro decolonial⁵.

As ideias presentes no artigo estão organizadas em quatro seções. Inicialmente, traçamos aproximações entre a fotografia e a decolonialidade. Posteriormente, aprofundamos as reflexões acerca do fazer fotográfico no contexto da pesquisa decolonial, evidenciando a importância de considerar, no processo de investigação da realidade, outras metodologias coletivas, contra hegemônicas e, principalmente, não extrativistas, no que denominamos de “confluências no fazer”. Logo depois, tratamos das confluências entre o sentir e o pensar no exercício do ver para estruturar a ideia central deste artigo, o *fotografar sentipensante*. Por último, a partir da materialidade da Investigação-Ação-Participativa, colocamos em diálogo o modo como temos mobilizado a fotografia no contexto das lutas, resistências e r-existências de comunidades quilombolas na Amazônia tocantina.

A FOTOGRAFIA EM DIÁLOGO COM A DECOLONIALIDADE NA BUSCA POR OLHARES OUTROS

Nesse caminhar, assumimos a decolonialidade como um projeto acadêmico-político que tem a capacidade de esclarecer e sistematizar o que está em jogo, ajudando a pensar estratégias para transformar a realidade (Bernardino-Costa; Maldonado-Torres; Grosfoguel, 2019). Nessa perspectiva, Walter Mignolo (2008) situa a decolonialidade como uma energia de descontentamento e lutas contra formas de opressão constitutivas da modernidade. Essas opressões são sequelas do colonialismo e permanecem operantes por meio da colonialidade de poder, do ser e do saber (Quijano, 2000a; Mignolo, 2003; Ballestrin, 2013; Maldonado-Torres, 2007).

A decolonialidade do ser, do saber e do poder é uma abordagem crítica que busca desafiar e superar as estruturas de dominação, opressão e desigualdade que foram estabelecidas historicamente pelo colonialismo. Essa perspectiva reconhece que o colonialismo não se limita a um evento histórico do passado, mas é um sistema contínuo e presente que perpetua relações de poder assimétricas e hierárquicas. Assim, concordamos com Aníbal Quijano (2000b) sobre a necessidade de uma descolonização epistemológica que possibilite “finalmente abrir caminho para uma comunicação intercultural, para uma nova troca de experiências e significados” (Quijano, 2000b, p. 447).

Santos (2019), ao enfatizar a importância da experiência profunda nos processos de transformação do mundo a partir das Epistemologias do Sul, afirma que “a investigação deve ser convertida numa pedagogia para a libertação dos sentidos” (p. 242) e situa a visão como

⁵ Conceito introduzido por Nelson Maldonado-Torres que se refere aos movimentos de resistência à lógica da modernidade/colonialidade manifesta na colonialidade do poder, do saber e do ser. Tais resistências podem ter um caráter teórico e prático, político e epistemológico.

um dos sentidos que mais necessita ser descolonizado. Conforme destacado por Joaquín Barriandos (2011, p. 15), "a colonialidade do ver, assim como a colonialidade do poder, do ser e do saber, é também constitutiva da modernidade".

O que propomos aqui, diante das possibilidades de diferentes formas de leitura dos contextos sociais e das realidades vividas, é explorar as potencialidades da fotografia em termos estéticos e existenciais. No entanto, não em um sentido existencialista, mas sim relacionado ao sentido da realidade vivida. Concordamos com Schlenker (2019) quando situa a arte como expressão da vida e que a experiência pode ser traduzida em formas estéticas. Para o autor, a forma estética está para além do belo, é algo que interpela todos os nossos sentidos (Schlenker, 2019).

Torna-se importante considerar que, se as relações humanas e sociais são estruturadas a partir de processos históricos de dominação, de captura/descarte da humanidade e subjetividades dos sujeitos, de seus corpos, e de seus territórios em um profundo processo de violência colonial, o olhar também foi treinado a partir deste projeto hegemônico moderno/colonial (Peloso; Mota Neto; Machado, 2023). Desse modo, a colonialidade do ver é também constitutiva da modernidade, tal qual a colonialidade do poder, do saber e do ser (Barriandos, 2019).

A partir do conceito de decolonialidade do ver, é possível perceber que determinados povos, territórios e grupos sociais sofreram e ainda sofrem com mecanismos de representação de seus corpos pautados em relações de subalternidade e inferioridade. Por exemplo, temos os povos e populações tradicionais, para os quais a imagem construída a partir do projeto hegemônico é de ignorância e precariedade. Nessa imagem, desconsideram-se as histórias, culturas, modos de produzir alimentos, de cuidar da saúde e todo o *corpus* de conhecimento e saberes que circulam historicamente nesses territórios e que subsidiam diferentes formas de (re)existências.

No bojo dessas discussões, situamos o uso da fotografia no contexto da pesquisa acadêmica, pautado em paradigma contra hegemônico que busca romper com relações hierárquicas de produção de conhecimento em prol da superação das diferentes formas de dominação. Acreditamos ser um esforço de construção necessário e fundamental, tendo em vista as forças de aprisionamento das condições de colonialidade do ser, do saber e do poder que "produz as nossas experiências tecidas como subalternas" (Ferreira; Santana, 2009, p. 13). Se pensada sob esta perspectiva, a fotografia pode ser entendida para além da habitual função documental, de reprodutibilidade da realidade, transformando-se em uma forma de linguagem com a capacidade de transmitir conhecimento (Pereira; Nascimento, 2021).

Achutti (1997) destaca a capacidade narrativa da fotografia ao afirmar que o ato de fotografar é apenas uma etapa do processo, que se desenvolve a partir das relações estabelecidas com as pessoas. Acreditamos que esse trabalho com as pessoas só seja

possível a partir do reconhecimento das lutas e de seus respectivos protagonistas rumo a processos de humanização cada vez mais potentes (Freire, 1996).

Desse modo, acrescentamos e assumimos, para além disso, a fotografia como arte e instrumento de construção de conhecimento *com* as pessoas e *com* seus territórios. A fotografia, portanto, assume a dupla função na pesquisa, a saber, de instrumento e documento social (Pereira; Nascimento, 2021), relações que detalharemos no tópico seguinte.

A PESQUISA, A FOTOGRAFIA E AS CAUSAS POPULARES: CONFLUÊNCIAS NO FAZER

Inicialmente, é importante ressaltar que o fazer fotográfico e o uso da fotografia como ferramenta visual estão diretamente relacionados à nossa compreensão do próprio ato de pesquisar como práxis social, conforme apresentado na primeira parte deste artigo. Nossas reflexões acerca das dimensões da pesquisa dialogam com os autores Orlando Fals Borda, Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos, que constituem também o alicerce para situar a função da fotografia nos contextos de pesquisa abordados aqui.

Segundo Orlando Fals Borda (2015), a pesquisa deve estar fundamentada no comprometimento com causas e lutas sociais, no que ele denomina de Investigação-Ação-Participativa (IAP). Por meio da IAP, busca-se construir uma ciência popular (Fals Borda, 2015), metodologicamente pensada para possibilitar leituras da realidade social nos territórios, voltada para a construção de um conhecimento coletivo com compromisso e consciência, a partir do lugar e com as pessoas. A pesquisa, nesse sentido, é compreendida de maneira ampla como um campo autêntico de luta social e política voltado para a melhoria das condições de vida dos sujeitos sociais.

No campo dos estudos pós-coloniais, nas Epistemologias do Sul, Boaventura de Souza Santos (2019) aponta a possibilidade de outras leituras sobre o conhecimento, distanciando-se da matriz moderno/colonial que se baseia na superioridade, objetividade e neutralidade. Santos propõe a descolonização do conhecimento e das formas de produzi-lo, no que denomina como ecologia de saberes. Para isso, o autor defende que o conhecimento seja produzido a partir da experiência profunda dos sentidos (investigação *pós-abissal*). Ou seja, o conhecimento só é possível por meio da experiência que é “inconcebível sem os sentidos e sentimentos que acordam em nós” (Santos, 2019, p. 237).

Fals Borda e Boaventura de Souza Santos destacam a importância do *sentir* na produção do conhecimento. Para Fals Borda (2015), a abordagem sentipensante valoriza a intuição, a sensibilidade e as emoções como formas de conhecimento válidas e complementares ao pensamento lógico e racional. Ela propõe uma conexão entre a mente e o corpo, entre o intelecto e as emoções, a fim de alcançar uma compreensão mais profunda

da realidade e promover a transformação social (Fals Borda, 2015). Segundo o autor, “a intuição e o coração podem ser tanto ou mais definitivos para a tarefa científica e educacional do que a razão e o cérebro” (Fals Borda, 2010, p. 365).

Por sua vez, Santos (2019) fala que o *corazonar* significa incorporar as emoções, a sensibilidade e a compaixão em nossas práticas científicas e políticas, reconhecendo a importância das experiências subjetivas e das vozes marginalizadas na construção de um conhecimento mais abrangente e na busca pela transformação social. Ou seja, implica levar em consideração as emoções e os sentimentos como parte integrante da prática científica e política. Ele argumenta que a razão não pode ser separada das emoções, pois elas são intrinsecamente conectadas e influenciam nossas percepções, interpretações e ações no mundo.

Assim, é a partir do sentipensar e do corazonar que estruturamos o nosso *fazer fotográfico*. Essa seria uma abordagem que nos permite pensar a fotografia não apenas em termos analógicos ou digitais, mas também *dialógicos*. Não uma fotografia *do* outro ou *de* seus territórios, mas uma fotografia que dialogue *com* os corpos-território e com os território-corpo (da terra), considerando, assim, uma inseparabilidade entre corpo e território/mundo (Cruz Hernández, 2017; Haesbaert, 2020).

Em situações de resistência e luta, como nos contextos das populações quilombolas, os corpos-território devem ser entendidos como importantes lugares de enunciação. Sobre isso, Cruz Hernández (2017, p. 43) afirma que:

Considero que la invitación que deja la propuesta cuerpo-territorio es mirar a los cuerpos como territorios vivos e históricos que aluden a una interpretación cosmogónica y política, donde en él habitan nuestras heridas, memorias, saberes, deseos, sueños individuales y comunes; y a su vez, invita a mirar a los territorios como cuerpos sociales que están integrados a la red de la vida y por tanto, nuestra relación hacia con ellos debe ser concebida como “acontecimiento ético” entendido como una irrupción frente a lo “otro” donde la posibilidad de contrato, dominación y poder no tienen cabida.

Desse modo, a fotografia torna-se tanto uma ponte entre o pesquisador e as pessoas do lugar quanto entre o objetivo da pesquisa e os contextos sociais. Assim, devemos buscar confluências entre a estética, técnica e a arte na produção de imagens, considerando o outro não apenas como corpo/objeto fotografado, mas como ser outro com seus sentimentos, seus sonhos e suas utopias, suas vaidades e inseguranças e com as múltiplas relações estabelecidas com o ambiente, enfim, na inteireza do ser (Freire, 1985). Essa concepção decolonial de corpo considera a corporeidade como multiplicidade de relações inseparáveis entre o corpo individual e o corpo social nos espaços de vivência cotidiana (Haesbaert, 2020). Por isso, a intenção por trás do ato de fotografar, reafirmamos, também deve buscar ser *dialógica*.

Sobre essa relação, Rocha e Eckert (2017) ressaltam que a criação de imagens do outro ultrapassa o objetivo de dividir um sistema de representações para atingir, no esforço de produzir benefícios para os outros, a feição do conhecimento que surge de uma cooperação entre ele e seus parceiros de pesquisa. Nesse sentido, ser dialógico “é não invadir a cultura do outro, coisificá-lo, e sim possibilitar a sua vocação ontológica de ser mais” (Oliveira; Oliveira; Matos, 2020, p. 49).

Dito isso, torna-se necessário que façamos uma distinção, a qual acreditamos ser a essência das reflexões construídas aqui: a distinção entre o ato de fotografar em *si* e a experiência do *fazer fotográfico*. O fotografar em *si* está relacionado à captura da imagem em determinado contexto, sem vinculação direta com as desigualdades, contradições sociais e opressão. As imagens produzidas são documentos da pesquisa, podendo assumir diferentes papéis, seja como anexo ou para ilustrar o que é dito à medida que é mencionado. Por outro lado, pensar a experiência fotográfica a qual temos nos referido é vivenciar dinâmicas, histórias, lutas e contradições. É considerar a experiência nos termos em que Larrosa (2002) nos ensina. Para o autor, a experiência não é o que acontece, mas o que *nos acontece*. Portanto, experiência é tudo o que nos acontece e que *nos toca*. Isso implica dizer que o registro de imagens da realidade local torna-se parte de uma ação comunicacional intercultural⁶. Assim, há um interesse mútuo entre aquele que fotografa e aquele que é fotografado, distanciando-se de uma relação sujeito-objeto para outras relações de coparticipação (Argyle, 1991).

Nesse sentido, a fotografia intensifica as relações com as pessoas e com o lugar no qual o pesquisador está imerso. A fotografia aproxima, primeiro pela curiosidade, depois pela arte representada na captura do instante. O ver-se nas fotos, quer seja no formato digital ou no papel fotográfico, é um reconhecer-se pelo olhar do outro. Empodera⁷, legitima, conta e marca uma história e, por meio dela, contribui com a memória do lugar.

Entendemos aqui que a memória não é apenas individual, mas também social, cultural e coletiva, fundamental para a construção da identidade de um dado lugar (Gondar, 2015). Assim, a história dos sujeitos, individual ou coletiva, relaciona-se com a história dos diferentes sentidos que emergem das suas relações. Essa memória pode ser criada e recriada a partir de outros/novos sentidos produzidos constantemente. Sobre isso, Silva (2011) afirma que:

A memória, nesse sentido, é um dispositivo que é ativado como mecanismo de afirmação identitária no campo cultural e político. Além desse aspecto, esse

⁶ Por interculturalidade entendemos um processo dialógico na construção de possibilidades de enfrentamento às múltiplas formas de dominação (Walsh, 2014).

⁷ A categoria empoderamento é entendida, no contexto do pensamento freireano, como um movimento ativo de dentro para fora, particular ao sujeito que se empodera, como passo fundamental para o processo de transformação social (Freire; Shor, 1986).

dispositivo funciona como um mecanismo de autorreconhecimento e disponibiliza elementos do passado para atuar no presente e, com isso, cria formas de representação social dos valores da tradição e dos seus significados que possam ser emblemáticos para a difusão das culturas e dos saberes locais. Nesse sentido, a memória, além de ser um mecanismo de autorreconhecimento e autorreferência, é também um dispositivo que permite que o conteúdo histórico recuperado pelos grupos seja valorizado e apresentado para fora de seu círculo social (Silva, 2011, p. 230).

Nesse entendimento, a fotografia é um gesto que historiciza em sua singularidade (Agamben, 2007). Eis aí a importância de o registro do instante ser acompanhado de um profundo respeito e compromisso social e de planejamento metodológico para se contar a história conforme se intenciona na pesquisa.

O FOTOGRAFAR SENTIPENSANTE: CONFLUÊNCIAS ENTRE O SENTIR E O PENSAR NO EXERCÍCIO DO VER

Na perspectiva apresentada, reconhecemos a fotografia como uma ferramenta metodológica importante. No entanto, é fundamental que essa prática seja desenvolvida sob a perspectiva das metodologias não extrativistas, conforme destacado por Santos (2019). O autor questiona abordagens qualitativas que tendem a apenas extrair informações das populações estudadas sem considerar os sujeitos, seus contextos e lutas sociais. É nesse sentido que abordamos o fazer fotográfico nessas reflexões.

Para ilustrar o nosso ponto de vista, inicialmente destacamos o modo como a fotografia é utilizada no contexto das metodologias extrativistas. O cenário é quase sempre o mesmo: o pesquisador registra o outro a partir de um olhar de fora⁸, sem considerar o contexto e as lutas sociais nas quais ele está inserido (representado em A na figura 1). Mesmo que o “outro”, a pessoa fotografada, seja percebida e associada a um determinado contexto social (realidade representada na figura 1 por várias dimensões/camadas sobrepostas), a relação é unidirecional, ou seja, baseada no monologismo que, essencialmente, nega o outro na sua inteireza (Freire, 1987). O objetivo é extrair a informação (ou imagem) de modo a ilustrar o contexto, porém, sem estabelecer um diálogo com os sujeitos e territórios envolvidos. Esse é o caso de muitas pesquisas desenvolvidas em diversas áreas do conhecimento, baseadas em uma relação entre pesquisador e sujeito/objeto pesquisado, com extração de informações sem retorno às pessoas envolvidas.

Por outro lado, quando consideramos o uso da fotografia comprometida com as causas sociais, temos a transição para o *fotografar sentipensante* (representado em B na figura 1). O pesquisador/fotógrafo, ainda que seja um ator externo, desloca o seu fazer

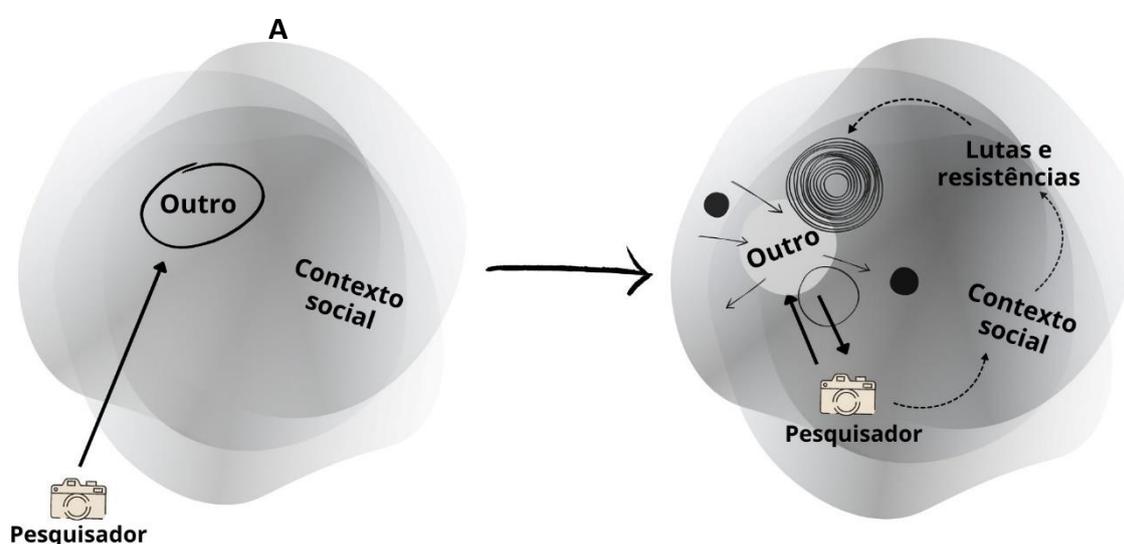
⁸ O sentido utilizado para situar quem está dentro ou fora não diz respeito ao pertencimento ao lugar ou identidades construídas sócio-historicamente, mas relaciona-se com a partilha da luta (Santos, 2019).

fotográfico para que seja construído de dentro e em diálogo com os sujeitos e seus contextos, daí a compreensão da dimensão dialógica do *fotografar sentipensante*.

Ao fazer de dentro, o faz a partir de um ver profundo, conforme situa Santos (2019):

[...] vê profundamente quando “vê” que aquilo que está ao seu alcance é uma entidade social que “quer” ser vista nos seus próprios termos, sob a pena de apenas ser permitida uma visão trivial e superficial. Ver nos termos do outro, sendo o “outro” concebido como uma entidade que não depende de quem vê, implica exigir que quem vê se familiarize com ângulos e perspectivas inesperados, muitas vezes incômodos, que se abra a emoções imprevisíveis suscetíveis de colocar em risco rotinas e certezas (p. 246).

Figura 1. Representação do fazer fotográfico em passagem para um *fotografar sentipensante*



Fonte: Elaboração própria.

Concordamos com o filósofo Merleau-Ponty (2011, p. 550) quando afirma que “se conseguirmos compreender o sujeito, não será em sua pura forma, mas procurando-o na intersecção de suas dimensões”. Nesse sentido, ao considerarmos um *fotografar sentipensante*, valorizamos tanto o gesto captado (Agamben, 2007) quanto o gesto do fotógrafo (Flusser, 2011), ou seja, o próprio ato do fazer fotográfico, como temos considerado aqui. No entanto, é importante ressaltar que essa compreensão está mais relacionada à forma como o fotógrafo estabelece relações e vínculos no contexto social e, posteriormente, ao lugar que essa imagem ocupa no contexto da pesquisa.

Ao pensar sobre o fazer fotográfico sob essa perspectiva, reconhecemos que a visão não é o único canal de experimentação na fotografia, mas sim uma simbiose de processos de percepção do mundo vivido. A construção do conhecimento é uma ação social totalizadora e, portanto, um ato corpóreo que envolve os cinco sentidos (Santos, 2019). Dessa forma, é

fundamental que o ato fotográfico busque transcender a experiência puramente visual e se torne uma experiência intersensorial. A visão, o tato, o olfato, o paladar e a audição devem estar imbricados no processo de pesquisa (Santos, 2019) e, acreditamos, na compreensão do fazer fotográfico na pesquisa social decolonial.

É essa simbiose que constrói a ligação com o outro e com o contexto social na construção da imagem. Nessa compreensão, Merleau-Ponty (1983, p. 105) situa que:

Minha percepção, portanto, não é uma soma de dados visuais, táteis e auditivos: eu percebo de modo global, com todo o meu ser; apreendo uma estrutura única da coisa, uma maneira de existir, que fala ao mesmo tempo, para todos os meus sentidos (p. 63).

Santos (2019) explora cada um dos sentidos para dar destaque ao que denomina como “investigador pós-abissal”. Para o autor, em pesquisas comprometidas com contextos sociais marcados pela dominação colonial, é necessário buscar uma percepção profunda. Não se trata de qualquer olhar, mas de um que vai além do visível, pois a realidade não se limita ao que está presente. É um olhar profundo que se busca.

As práticas cotidianas são visíveis, mas os conhecimentos implicados nessas práticas não o são. Apenas por meio de um olhar profundo é possível acessá-las, permitindo perceber as práticas cotidianas como formas de lutas e resistências. Uma decolonialidade do ver que possibilita a interpretação da realidade a caminho da necessária e urgente decolonialidade do poder, do saber e do ser (Ballestrin, 2013).

Tanto o conhecimento gerado quanto a imagem capturada nos contextos de pesquisa comprometidos com as causas populares, possibilitam problematizar a realidade e elaborar estratégias para a transformação social. Fals Borda (2015) deixa claro que no processo de produção de conhecimento estruturado pela IAP, o objetivo da pesquisa deve estar organicamente associado às causas populares. Isso implica afirmar que os saberes, os fazeres, as histórias e as memórias dos sujeitos sociais devem caminhar lado a lado com o saber acadêmico na formulação de uma ciência própria que busca a transformação social. Conforme Fals Borda (2015), é o próprio conhecimento popular que vai propor saídas de superação e enfrentamento aos mecanismos de colonialismo e colonialidade enfrentados. O *fotografar sentipensante*, portanto, deve estar alinhado a produção coletiva de conhecimento desde uma perspectiva de ação social e política (Fals Borda, 1970; 1978; 1984; 1987; 2015). Nesse sentido, destacamos três características que estruturam e dão sentido ao nosso fazer fotográfico no âmbito da pesquisa que realizamos.

A primeira característica que destacamos é a necessidade de (re)conhecimento engajado do contexto social investigado. No percurso de orientação intelectual e política da IAP, é preciso superar metodologias que tradicionalmente são utilizadas para registro de pesquisa, tais como a observação, por exemplo. Nesse sentido, a IAP avança no sentido de intervenção frente aos problemas sociais e na valorização das culturas locais, visando uma

Ciência que se constrói socialmente. Esse modo diferente de construção de conhecimento, deve partir da realidade concreta, buscando quadros locais para que atuem coletivamente na recuperação histórica e na rememoração das histórias (Bonilla; Castillo; Fals Borda, 1972). A partir disso, são desenvolvidas formas de diagnóstico da realidade, criando grupos para a elaboração de estratégias de resolução dos problemas e demandas apresentadas. Sobre considerar os sujeitos coprodutores de conhecimento, Fals Borda destaca que “queríamos vê-los a ambos como seres sentipensantes, cujos os diferentes postos de vista sobre a vida em comum deveriam torna-se em conta conjuntamente” (Fals Borda, 1999, p. 80). Sobre isso, Santos (2022) afirma que:

O reconhecimento da luta e de seus respectivos protagonistas é um ato de pré-conhecimento, um impulso intelectual e político-pragmático que implica a necessidade de escrutinar a validade do conhecimento que circula no âmbito da luta ou que é gerado a partir dela (p. 19).

Nesse caminhar, a fotografia passa a ser um elemento que possibilita potencializar o estudo do lugar e de todo o material produzido no âmbito do estudo-ação. O que gostaríamos de dar destaque aqui é a inserção/imersão do pesquisador/fotógrafo na realidade local que, ao lado das pessoas, passa a construir compreensões acerca do contexto local e registrar essa realidade. Ou seja, as fotografias são produzidas no âmbito da Investigação-Ação-Participativa e tornam-se parte dela.

A partir da estruturação do estudo-ação destacado anteriormente, chegamos à segunda característica que consideramos fundamental para o *fotografar sentipensante*: o fim social da fotografia no contexto investigado. Já ressaltamos que as fotografias produzidas são parte integrante do material da IAP. Isso implica dizer que a fotografia produzida está a serviço das causas e estratégias de luta quilombola no território e não simplesmente atende a uma necessidade estética da pesquisa ou do pesquisador. Desse modo, o *sentipensar* no desenvolvimento de uma pesquisa engajada nos faz não apenas enxergar os problemas sociais, mas também nos indignar com eles e buscar soluções. A fotografia, nesse contexto, é assumida como estratégia para fortalecer os instrumentos de denúncia, conforme destacaremos posteriormente.

A terceira característica que gostaríamos de evidenciar diz respeito ao retorno social da fotografia às pessoas do lugar. A devolução sistemática do conhecimento produzido é, sem dúvida, uma das características centrais no caminho da reflexão-ação de transformação social buscada pela IAP. Nesse sentido, a fotografia produzida no estudo-ação deve ser acessada por todas as pessoas do território. Para além do acesso direto às fotografias, o retorno sistemático está relacionado também aos materiais produzidos no âmbito do movimento quilombola, tais como relatórios, ofícios, materiais de divulgação, entre outros. Todos esses documentos e materiais compõem nossas estratégias de luta, mobilização e resistência contra as diferentes formas de opressão, assim como de valorização da cultura e

identidades quilombolas. No tópico seguinte, apresentaremos as estratégias utilizadas no contexto de nossa pesquisa para proporcionar a devolução sistemática das fotografias produzidas para o território quilombola.

As ideias desenvolvidas até aqui auxiliam na construção de reflexões acerca do primeiro questionamento apresentado sobre quais elementos considerar para pensar o registro fotográfico para além da simples captura de imagens nos contextos de pesquisa. Essas reflexões nos levam a perceber a necessidade da dimensão dialógica do fazer fotográfico a fim de impregnar o registro do instante de sentidos e significados. Não estamos nos referindo à análise de uma fotografia em si, mas sim ao próprio ato do fazer fotográfico. Toda imagem produzida carrega sentidos e significados (para quem a vê ou para quem a faz), podendo variar em intensidade de acordo com a subjetividade. Não se trata apenas disso. Trata-se de considerar, no fazer fotográfico, que o outro é *sabedor* e *fazedor* de conhecimentos e culturas (se assim podemos considerar aquele que possui e faz conhecimento popularmente) e também de considerar o contexto social e de lutas do outro em suas múltiplas dimensões.

No que isso importa para o fazer fotográfico ao qual nos dedicamos aqui? Importa no sentido de compreendê-lo como a união do corpo, da razão e do sentimento, que se relacionam com os modos de vida e as resistências no contexto das pesquisas em comunidades tradicionais no território amazônico. Um fotografar que ousa no exercício decolonial do ver para sentir, dizer e insurgir. Por isso, o *fotografar sentipensante* é comprometida e cumpre um papel social claro e definido.

Essa reflexão nos faz avançar para o segundo questionamento: quais estratégias possíveis para inserir o registro fotográfico como componente fundamental do fazer pesquisa na luta por transformações sociais? No tópico seguinte, a partir da materialidade da Investigação-Ação-Participativa, apresentaremos elementos e reflexões que buscam responder ao questionamento proposto.

O FOTOGRAFAR SENTIPENSANTE COMO FERRAMENTA POSSÍVEL NAS CAUSAS POPULARES

Para pensarmos o *fotografar sentipensante* como ferramenta na pesquisa social decolonial, é importante que retomemos a compreensão do ato fotográfico associado ao fazer pesquisa. Se a pesquisa busca um compromisso-ação, nos termos de Fals Borda (1978), o conhecimento deve ser construído com base no diálogo entre os sujeitos e na busca da devolução sistemática dos conhecimentos produzidos, sob a forma de uma comunicação direta e apropriada. Ou seja, o compromisso-ação pressupõe o retorno desse conhecimento às pessoas e ao território. Nessa compreensão, *a fotografar sentipensante* diz respeito tanto a uma necessidade metodológica quanto a um compromisso social.

Freire (2000) nos auxilia a pensar o lugar e a potência da fotografia nas pesquisas em contextos de lutas sociais. Para Freire, a *denúncia* das condições da realidade concreta vivida e o *anúncio* de como poderíamos viver são partes fundamentais no processo de transformação política. Nesse sentido, acreditamos que a pesquisa social comprometida com as causas populares deve transitar entre a denúncia da realidade e o anúncio das alternativas possíveis.

Seguindo a mesma compreensão de Freire (2000), Santos (2019) apresenta a sociologia das ausências e a sociologia das emergências como formas de gerar processos de compreensão da produção da exclusão social no mundo. Segundo o autor, “na perspectiva das epistemologias do Sul, a confrontação da linha abissal tem sempre que combinar a sociologia das ausências e a sociologia das emergências, isto é, a denúncia e a alternativa, a crítica e a possibilidade” (Santos, 2019, p. 252).

Encontramos em Frantz Fanon (2008) uma importante análise acerca das condições de existência da pessoa racializada. O autor fala em uma sociedade pós-colonial responsável por criar um mundo dividido em zonas do ser e zonas do não-ser, que separa seres superiores e inferiores, na qual a vida do negro é tomada como uma não-existência. Por isso, a denúncia das condições da realidade concreta das populações subalternizadas, as quais têm a sua própria existência negada pelas relações estabelecidas pelo mundo moderno/colonial, principalmente o racismo, é de suma importância.

Dito isso, acreditamos que o *fotografar sentipensante* se constitui como possibilidade e estratégia possível nas lutas sociais, a partir do fortalecimento da denúncia e do anúncio, na enunciação das ausências e emergências e reflexão das zonas do ser e zonas do não-ser, conforme destacaremos a seguir.

O FOTOGRAFAR SENTIPENSANTE A SERVIÇO DA DENÚNCIA

Durante o caminhar na etapa de observação-inserção da Investigação-Ação-Participativa com as comunidades quilombolas do município de Cametá, foi possível (re)conhecer as principais demandas sociais do território. Tais demandas diziam respeito principalmente à negação do direito a uma educação de qualidade, bem como às péssimas condições das estradas e caminhos que conectam as comunidades ao núcleo urbano mais próximo ao território quilombola, a vila de Juaba⁹.

É importante ressaltar que esse processo de (re)conhecimento se desenvolveu por meio do convívio diário com as famílias no território, mas, sobretudo, pela participação ativa nos encontros locais organizados pelas comunidades, pela Associação do Território da Terra

⁹ A comunidade quilombola mais próxima à vila de Juaba, o quilombo de Tomásia, está a 8km de distância.

da Liberdade e pelas Associações de Comunidades Remanescentes de Quilombos da Regional Tocantina Paraense. Entendemos que essas reuniões e encontros são espaços de luta e resistência, nos quais suas vozes ganham protagonismo na busca por melhores condições de vida e na luta contra as diversas formas de discriminação enfrentadas (e frequentemente negligenciadas) pelas famílias quilombolas.

O primeiro produto elaborado a partir do compromisso-ação com o território quilombola foi um relatório com as denúncias, que seria encaminhado ao Ministério Público do Estado do Pará (MPPA), por meio da Promotoria de Justiça Agrária. Nesse relatório, as denúncias foram fundamentadas nos relatos verbais dos coordenadores das comunidades, professores e coordenadores das escolas, além dos registros fotográficos produzidos especificamente para esse documento, em julho de 2022.

As figuras 2, 3 e 4 são fotografias que evidenciam as condições educacionais e de deslocamento das comunidades quilombolas (o visível), mas, principalmente, carregam a potência da *denúncia*, da *ausência*, do *não-ser* (o invisível) relacionado à negação de direitos às mais de duzentas famílias que vivem no território. Assim, este relatório, bem como outros documentos produzidos no contexto da IAP, busca dar visibilidade àquilo que é invisível. Essa é a relação entre a exigência metodológica e o compromisso social do *fotografar sentipensante* a que temos nos referido.

Figura 2. Espaço onde funciona a escola da comunidade quilombola do Bonfim, Cametá, Pará



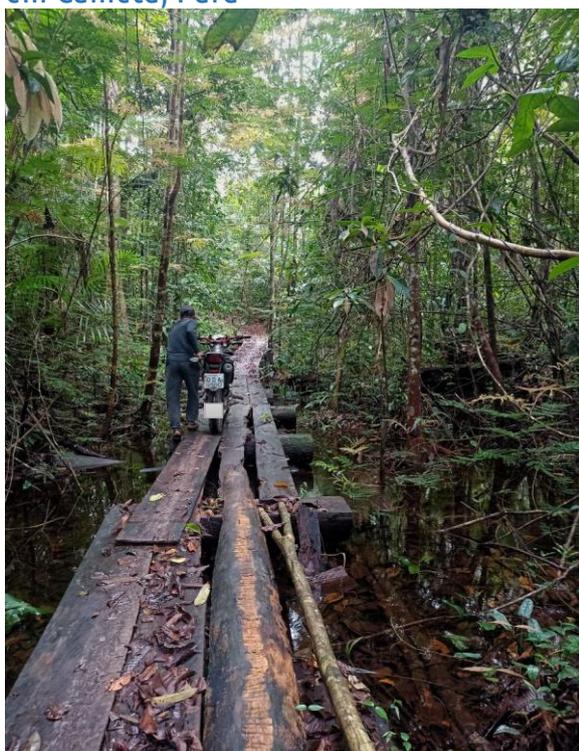
Fonte: Vivência de pesquisa (julho de 2022).

Figura 3. Barracão da comunidade quilombola do Laguinho onde funciona a escola multisseriada



Fonte: Vivência de pesquisa (março de 2023).

Figura 4. Ponte sobre o igarapé Itapocu na comunidade quilombola de mesmo nome, em Cametá, Pará



Fonte: Vivência de pesquisa (maio de 2022).

Desse modo, concordamos com Lacerda (2012, p. 295) quando afirma que “[...] para que a imagem possa conseguir documentar o que foi impresso do mundo externo, ela precisa também ‘significar’, ou seja, possuir as necessárias conexões identificadoras com os elementos desse referente”. É o compromisso social da fotografia, ou seja, o seu uso, o elemento que mais tem significado nos termos da *fotografia sentipensante*.

As fotografias, portanto, integram e potencializam os conhecimentos de base coletiva construídos com o território quilombola e auxiliam na luta por direitos. A figura 5 mostra o Presidente da Associação de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Remanescentes de Quilombos Terra da Liberdade, Manoel Liduino, apresentando o relatório que continha as denúncias encaminhadas ao MPPA durante reunião com a Promotoria de Justiça de Cametá, em outubro de 2022.

Figura 5. Reunião com a Promotoria de Justiça de Cametá em outubro de 2022



Fonte: Site do Ministério Público do Estado do Pará¹⁰.

Além do relatório, inúmeros outros documentos já foram encaminhados ao MPPA e à prefeitura de Cametá. Os documentos contêm, sobretudo, as reivindicações por melhores condições de vida no território quilombola. O fortalecimento da luta por meio dos documentos oficiais encaminhados via associação foi uma das principais estratégias adotadas no percurso da Investigação-Ação-Participativa.

O conhecimento elaborado a partir da realidade concreta, materializado sob a forma de relatório, possibilitou as reflexões acerca da produção social da não existência, como afirma Santos (2019). Desse modo, uma vez elaboradas estratégias voltadas à compreensão da produção social da não existência e de seus mecanismos de invisibilização, faz-se necessário elaborar alternativas contra-hegemônicas que busquem superar os efeitos da colonialidade do ser, do saber e do poder (Quijano, 2005), imbricados na experiência vivida sob as mais diversas formas.

¹⁰ Ver: <https://www2.mppa.mp.br/noticias/promotoria-se-reune-com-comunidade-quilombola-terra-da-liberdade-para-abordar-desafios-e-demandas.htm>. Acesso em: 29 ago. 2024.

O fotografar sentipensante a serviço do anúncio

Freire (2000) afirma que a denúncia da realidade e das transgressões aos valores humanos, já anuncia um mundo melhor e que, portanto, não há anúncio sem a denúncia. Nesse sentido, denúncia e anúncio são etapas de um mesmo processo: a emancipação humana.

Nesse contexto, o projeto decolonial busca, por meio da decolonialidade do poder, do ser e do saber, superar as relações de dominação que estruturam a sociedade alicerçada no paradigma moderno/colonial. Fanon (2008) afirma que o caminho para a superação dessas relações de dominação, principalmente mediante o racismo, é a afirmação da identidade e do corpo. Sobre isso, o autor afirma que “uma vez que o outro hesitava em me reconhecer, só havia uma solução: fazer-me conhecer” (Fanon, 2008, p. 108).

Nessa perspectiva, acreditamos que o *fotografar sentipensante* deve ser considerada uma ferramenta e uma estratégia possível no processo de tornar visível as identidades e territorialidades quilombolas. Cabe ressaltar que o papel social da fotografia nesses contextos não busca apenas “dar” visibilidade, mas sim valorizar as formas de ser e de saber tidas como inferiores e subalternas pelas relações do mundo moderno/colonial para que o outro, em constante processo de emancipação, busque reconhecer-se.

Nesse percurso, como parte integrante da Investigação-Ação-Participativa que estamos construindo com o território, buscamos desenvolver o projeto fotográfico denominado “Nós do quilombo”, que visa dar potência às identidades e às territorialidades quilombolas. Ao mesmo tempo, intencionamos revelar a feitura dos nós criados com o território e com as pessoas ao longo da pesquisa. O projeto consiste em um movimento de materialidade da partilha do ver e da imaterialidade do sentir, vivenciados no processo de investigação. A vivência com as famílias quilombolas no território nos deu a oportunidade de mergulhar de forma profunda naquele contexto social, o que nos permitiu registrar o cotidiano de lutas, resistências e (re)existências e, acima de tudo, colaborar ativamente com as lutas sociais.

Assim, entendemos que se trata de um projeto coletivo de coparticipação e, portanto, pertence tanto a quem faz a fotografia, mas principalmente a quem é fotografado. Por isso, a partilha do ver e do sentir é organizada ao longo da pesquisa em diferentes momentos de vivência. Adotamos estratégias de retorno sistemático do que é produzido, conforme preconiza o percurso metodológico da Investigação-Ação-Participativa. São quatro principais estratégias: i) a criação de um banco online de fotografias do território quilombola contendo todas as imagens produzidas no âmbito da pesquisa; ii) o compartilhamento digital das fotografias por meio de aplicativos de conversa; iii) produção de materiais de divulgação

de eventos do território quilombola; iv) realização de um “fotovaral” durante os encontros promovidos pela associação do território.

A produção de materiais relacionada ao movimento quilombola com a Associação da Terra da Liberdade está pautada em dois principais objetivos. Primeiro, possibilitar maior alcance de circulação das informações sobre as iniciativas de mobilização no território, como ações, encontros e projetos entre os habitantes. Segundo, valorizar os sujeitos, seus saberes, modos de vida, histórias e memórias. Para isso, por meio da ciência da práxis, marcadores de identidade surgem e passam a ser fortalecidos. Nesse sentido, elementos relacionados ao roçado, ao convidado¹¹, à produção da farinha, à cultura alimentar, ao samba de cacete¹², às relações com a natureza, entre tantos outros, anunciam as potencialidades, territorialidades sendo, por isso, fotografados e valorizados como produtos das relações socioculturais (figuras 6 e 7).

Figura 5. Arte criada para divulgação da assembleia de aprovação do protocolo de consulta prévia e livre informada das comunidades quilombolas do território Terra da Liberdade



Fonte: Estudo-ação em parceria com a Associação de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Quilombolas Terra da Liberdade.

¹¹ Forma de organização do trabalho coletivo, na qual o dono do roçado recebe convidados para trabalhar em seu lote. O anfitrião é responsável pela alimentação e bebida dos participantes.

¹² Manifestação cultural e musical negra diaspórica marcada pelo seu caráter percussivo com a utilização de bastões (cacetes) e de um tambor feito de tronco de árvore e couro como instrumentos.

Figuras 6. Parte integrante do documento que será enviado à Fundação Palmares com o objetivo de requerer a certificação como comunidades remanescentes de quilombo (material em construção).



Fonte: Estudo-ação em parceria com a Associação de Desenvolvimento Sustentável das Comunidades Quilombolas Terra da Liberdade.

O fotovaral foi realizado durante os encontros do movimento quilombola, datas comemorativas e/ou celebração das comunidades do território. As fotografias que são produzidas ao longo da vivência com as comunidades no caminhar da Investigação-Ação-Participativa foram impressas em papel fotográfico (15x30cm) e expostas, utilizando barbante e prendedores de roupa (figura 7 e 8).

Figura 7. Fotovaral realizado no quilombo de Tomázia, Terra da Liberdade, em Cametá, Pará, durante a reunião da Assembleia Geral da associação quilombola



Fonte: Vivência de pesquisa (2023).

Figura 8. Fotovarial realizado no evento em alusão ao Dia da Consciência Negra, realizado no barracão do Quilombo do Itapocu, Cametá, Pará



Fonte: Vivência de pesquisa (2022).

As fotografias ficaram expostas durante todo o evento. Ao final, ao reconhecer-se nas fotografias, cada um levou consigo o registro daquele instante. Desse modo, acreditamos que a partilha do ver e sentir seja um compromisso firmado com o outro desde o instante do clique. Agamben (2007), ao apresentar como entende a fotografia, aproxime-se da dimensão dialógica na perspectiva da marcação da existência do ser outro. Nas palavras do autor:

Há, porém, outro aspecto, nas fotografias que amo, que não gostaria de silenciar de modo algum. Trata-se de uma exigência: o sujeito fotografado exige algo de nós. Prezo especialmente o conceito de exigência, que não deve ser confundido com uma necessidade factual. Mesmo que a pessoa fotografada fosse hoje completamente esquecida, mesmo que seu nome fosse apagado para sempre da memória dos homens, mesmo assim, apesar disso — ou melhor, precisamente por isso — aquela pessoa, aquele rosto exigem o seu nome, exigem que não sejam esquecidos (Agamben, 2007, p. 24).

Uma vez registrado o instante e efetivado o compromisso de devolução sistemática com as pessoas, nos cabe uma importante reflexão: quais lugares (materiais e simbólicos) essas fotografias ocupam no contexto de vida das famílias quilombolas? Diferentes elementos são necessários para responder esse questionamento. Por isso, não será a nossa intenção responde-lo aqui integralmente. No entanto, acreditamos que a discussão inicial desses lugares nos permita estabelecer importantes reflexões acerca dos sentidos e significados do modo como a fotografia é pensada e utilizada no contexto de nossa pesquisa e o modo como reverbera na demarcação do copo-território em seus lugares de existência.

A fotografia da Madalena deixa o fotovaral (apresentado anteriormente na figura 8) para ocupar um lugar (material) entre a fotografia de sua mãe e de seu avô (figura 9). Ocupa também um lugar simbólico ainda mais potente, de diálogos entre existências históricas do território. Nesse sentido, esta fotografia demarca um corpo, um ser e um saber. Demarca uma existência. Esses elementos permitem compreender o *fotografar sentipensante* como linguagem decolonial de expressão e afirmação do ser, do saber e do poder no contexto das lutas, resistências e (re)existências quilombolas.

Figura 9. Fotografia da jovem Madalena colocada junto ao quadro com a foto de sua mãe, Izoneide, e seu avô Durcelino na comunidade quilombola de Itapocu, Cametá, Pará



Fonte: Imagens cedidas por Izoneide, mãe da Madalena.

A professora Glaucia, do quilombo de Tomázia, nos ajuda a compreender esse lugar que o *fotografar sentipensante* ocupa no território quilombola. Em suas palavras:

A fotografia dentro do nosso território veio fortalecer a luta. Antigamente, a gente tinha aquela visão de que foi na reunião, mas como algo cansativo. Mas, a partir do momento em que a gente vê a foto e vê que estava um clima animado, quem não foi sente vontade de ir, porque depois as fotos são compartilhadas. Segundo, o que eu acho mais importante da fotografia no território é esse resgate da autoestima, principalmente com a fotografia que são tiradas quando a gente está distraído. É quando a gente está despido de toda vaidade e insegurança. E quando a gente percebe, as fotografias chegam. No fotovaral, por exemplo, a gente se vê bonito, da forma como somos. Ressaltando o nosso cabelo, o nosso sorriso, o nosso olhar e isso tem muito significado para mim. Antigamente era um martírio tirar uma foto. Ninguém queria. Hoje em dia todo mundo se arruma porque o professor vai estar lá e todo mundo quer, mesmo não sabendo o momento em que vai ser fotografado. Mas a gente quer aparecer porque a gente se viu sem o julgamento externo, porque o preto é sempre criticado. E as fotografias conseguem trazer um olhar nosso, do que de fato nós somos. Por exemplo, em outro momento, pouquíssimas pessoas aceitariam ser fotografadas no roçado, com roupa de trabalho, suadas. Mas, naquele dia, nós estávamos muito à vontade com as fotografias naquele momento (Entrevista com Glaucia Borges, Quilombo de Tomázia, Terra da Liberdade, Pará).

O relato da professora Gláucia destaca vários elementos importantes para pensarmos a função social da fotografia no contexto da Investigação-Ação-Participativa que estamos desenvolvendo. O primeiro elemento de destaque é o fortalecimento da luta no movimento quilombola. Nesse sentido, destaca-se que o registro fotográfico motiva a participação. Nesses momentos, conseqüentemente, aumenta-se o engajamento das pessoas no movimento.

O compartilhamento das fotos é ressaltado como um fator crucial. A ideia de que as imagens são divulgadas, cria um ciclo positivo, despertando interesse em participar das próximas atividades. A fotografia não apenas documenta eventos, mas também serve como um meio de comunicação que conecta e envolve a comunidade. Eis aqui o fortalecimento da ideia da imagem como ferramenta de instrumento social (Pereira; Nascimento, 2021).

Outro aspecto fundamental mencionado é o impacto positivo das fotografias no resgate da autoestima. O ato de ser fotografado de forma espontânea, sem poses ensaiadas, é descrito como uma oportunidade de mostrar a verdadeira essência da comunidade. Isso é especialmente importante para combater estereótipos e críticas externas, permitindo que os membros se vejam de maneira positiva. Assim, as fotografias capturam momentos autênticos, como no roçado e durante o trabalho diário (figura 10 e 11), desvinculando a imagem do estigma associado ao trabalho na roça a partir de estereótipos negativos.

Figuras 10 e 11. Fotografias produzidas durante um “convidado” no Quilombo da Tomázia, janeiro de 2023



Fonte: Vivência de pesquisa (2023).

Além disso, Santos (2022) nos ajuda a compreender que, se objetivarmos a considerar os sujeitos na sua inteireza, isso significa perceber que a vida social no quilombo não pode ser vista apenas como processos de lutas e resistências. Há o prazer, a satisfação e os “momentos e contextos de sociabilidade e convívio social vivenciados como se não houvesse qualquer dominação” (Santos, 2022, p. 223).

O fato de aceitarem ser fotografados em situações que antes geravam desconforto, sinaliza que o compromisso-ação, pautado no respeito às e ao lugar, é sentido de forma

dialógica. Se antes consideravam um "martírio", agora essa ação é vista como uma oportunidade de expressão individual e coletiva. Isso evidencia a transformação na percepção da comunidade em relação à sua imagem e ao poder de representação por meio das fotografias. Nesse sentido, as relações de confiança são concretizadas em cada etapa do processo de construção coletiva e de transformação social (Fals Borda, 1987).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os desafios que enfrentamos envolvem a necessidade de (re)inventar novos caminhos para o desenvolvimento de pesquisas insurgentes e emancipatórias que contribuam para superar as diversas formas de dominação no mundo pós-colonial. Neste artigo, procuramos situar a prática fotográfica no contexto da pesquisa social decolonial para além da mera captura de imagens, uma vez que o uso da imagem exige uma abordagem mais profunda e sensível para compreender o sujeito em suas múltiplas dimensões, naquilo que denominamos *fotografar sentipensante*.

Assim, reconhecemos a dimensão dialógica do fazer fotográfico na busca pela valorização das formas de ser e de saber consideradas inferiores pelas relações do mundo moderno/colonial, buscando o reconhecimento e a afirmação das identidades no contexto das lutas quilombolas.

Nessa perspectiva, acreditamos que as reflexões desenvolvidas neste artigo acerca de um *fotografar sentipensante* se constituem como uma ferramenta e uma estratégia nas lutas sociais, atuando tanto na denúncia das condições injustas quanto no anúncio de alternativas possíveis. Desse modo, desempenham um papel significativo na construção do conhecimento a partir da realidade concreta e na elaboração de alternativas contra-hegemônicas que contribuem para a superação dos efeitos da colonialidade do ser, do saber e do poder, assumindo a fotografia como uma forma de arte, de linguagem e de práxis de (re)existência.

AGRADECIMENTOS

À todas as famílias das comunidades do Território Quilombola da Terra da Liberdade, expressamos nossa profunda gratidão por permitirem que trilhemos esses caminhos históricos de resistência. Reconhecemos que sem as suas lutas, os seus sonhos, sentimentos, saberes e fazeres, essa construção não seria possível. Um agradecimento especial à professora Waldma Oliveira, por seu olhar atento na leitura do artigo. Sua colaboração foi fundamental para fortalecer as reflexões apresentadas.

REFERÊNCIAS

ACHUTTI, Luiz Eduardo. **Fotoetnografia: um estudo de antropologia visual sobre cotidiano, lixo e trabalho**. Porto Alegre: Livraria Palmarinca, 1997.

AGAMBEN, Giorgio. **Profanações**. São Paulo: Boitempo, 2007.

ARGYLE, Michael. **Cooperation, basis of sociability**. London: Routledge, 1991.

BALLESTRIN, Luciana. América Latina e o giro decolonial. **Revista Brasileira de Ciência Política**, n. 11, p. 89-117, 2013.

BARRIENDOS, Joaquín. La colonialidad del ver. Hacia un nuevo diálogo visual interepistémico. *Nómadas*, n. 35, out, 2011, p. 13-29. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/servlet/articulo?codigo=3818537>. Acesso em: 31 ago. 2024.

BERNARDINO-COSTA, Joaze; MALDONADO-TORRES, Nelson; GROSGOUEL, Ramón. (Org.). **Decolonialidade e pensamento afrodiaspórico**. 2. ed. Belo Horizonte: Editora Autêntica, 2019.

BONILLA, Victor; CASTILLO, Gonzalo; FALS BORDA, Orlando; LIBREROS, Augusto. **Causa popular, ciencia popular**. Bogotá: Publicaciones de La Rosca, 1972.

CRUZ HERNÁNDEZ, Delmy Tania. Una mirada muy otra a los territorios-cuerpos femeninos. **Solar**, v. 12, n. 1, p. 45-46, 2017.

ROCHA, Ana Luiza; ECKERT, Cornelia. Projetos, desafios e consolidação de uma linha de pesquisa no Brasil: antropologia audiovisual. //: LANDA, Mariano; ALVAREZ, Gabriel O. (Org.). **Olhar In(com)formado: teorias e práticas da Antropologia Visual: Una mirada in(con) formada. Teorías y prácticas de la Antropología Visual**. Goiânia: UFG, CAPES, 2017. p. 25-101.

FALS BORDA, Orlando. Por la praxis: el problema de cómo investigar la realidad para transformarla, Simposio Mundial de Cartagena, vol. 1, Bogotá, Punta de Lanza – Universidad de Los Andes, 1978, p. 209-249.

FALS BORDA, Orlando. **Historia Doble de la Costa**. Bogotá, Carlos Valencia Editores, 1984.

FALS BORDA, Orlando. Democracia y participación: algunas reflexiones, **Revista Colombiana de Sociología**, v. 5, n. 1, p. 35-40, 1987. Disponível em: <https://repositorio.unal.edu.co/handle/unal/23611>. Acesso em: 29 ago. 2024.

FALS BORDA, Orlando. Hacia el socialismo raizal y otros escritos. //: FALS BORDA, Orlando. **Socialismo raizal y el ordenamiento territorial**. Bogotá: Ed. Desde Abajo, 2013 [2007]. p. 35-136.

FALS BORDA, Orlando. La crisis, el compromiso y la ciencia, 1970. //: MONCAYO, Víctor Manoel. **Orlando Fals Borda una Sociología Sentipensante para América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2015. p. 219-252.

FALS BORDA, Orlando. La subversión justificada y su importancia histórica, 1968. //: MONCAYO, V. M. **Orlando Fals Borda una Sociología Sentipensante para América Latina**. Buenos Aires: CLACSO, 2015. p. 385-394.

FANON, Frantz. **Pele negra, máscaras brancas**. Salvador: EdUfba, 2008.

FERREIRA, Aurino Lima; SANTANA, José Diêgo Leite. A quem serve uma tese? Artesanias (trans)metodológicas na pesquisa em educação. **Revista de Educação Interterritórios**, v. 9, n. 18, p. 1-34, 2023. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/index.php/interterritorios/article/view/258797>. Acesso em: 29 ago. 2024.

- FREIRE, Paulo; SHOR, Ira. **Medo e ousadia**: o cotidiano do professor. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.
- FREIRE, Paulo. **À Sombra desta Mangueira**. São Paulo: Olho d'água, 1985.
- FREIRE, Paulo. **Ação cultural para a libertação e outros escritos**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. 4. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.
- FREIRE, Paulo. **Pedagogia da indignação**: cartas pedagógicas e outros escritos. São Paulo: Editora UNESP, 2000.
- FLUSSER, Vilém. **Filosofia da caixa preta**: ensaios para uma futura filosofia da fotografia. São Paulo: Annablume, 2011.
- GONDAR, Jô. Memória individual, memória coletiva, memória social. **Revista Morpheus - Estudos Interdisciplinares em Memória Social**, v. 7, n. 13, 2015.
- HAESBAERT, Rogério. Do corpo-território ao território-corpo (da terra): contribuições decoloniais. **GEOgraphia**, v. 20, n. 48, p. 75–90, 2020.
- KOSSOY, Boris. **Fotografia & História**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2001.
- LACERDA, Aline Lopes de. A fotografia nos arquivos: produção e sentido de documentos visuais. **História, Ciência e Saúde-Manguinhos**, v. 19, n. 1, p. 283–302, 2012.
- LANDA, Mariano Báez; ALVAREZ, Gabriel O. (Org.). **Olhar In(com)formado**: teorias e práticas de Antropologia Visual. Goiânia: Editora da Imprensa Universitária, 2017.
- MACEDO, Roberto Sidnei. Outras luzes: um rigor intercrítico para uma etnopesquisa política. //: MACEDO, Roberto Sidnei; GALEF, Dante; PIMENTEL, Álamo. **Um rigor outro sobre a qualidade na pesquisa qualitativa**: educação e ciências humanas. Salvador: Edufba, 2009. p. 75–126.
- MALDONADO-TORRES, Nelson. Sobre la colonialidad del ser: contribuciones al desarrollo de un concepto. //: CASTRO-GÓMEZ, Santiago; GROSFOGUEL, Ramón (Org.). **El giro decolonial**: reflexiones para una diversidad epistémica más allá del capitalismo global. Bogotá: Siglo del Hombre, 2007. p. 127–167.
- MERLEAU-PONTY, Maurice. **O cinema e a nova psicologia**. In: XAVIER, I. (org.). A experiência do cinema. Rio de Janeiro: Graal, 1983.
- MIGNOLO, Walter D. La opción de-colonial: desprendimiento y apertura. Un manifiesto y un caso. **Tabula Rasa**, n. 8, p. 243–281, 2008.
- OLIVEIRA, Waldma Maíra Menezes; OLIVEIRA, Ivanilde Apoluceno; MATOS, Lyandra Lareza da Silva. A teoria da dialogicidade em Martin Buber e Paulo Freire: aproximações e divergências conceituais. **Periferia**, v. 12, n. 1, p. 36–60, 2020.

PELOSO, Franciele; MOTA NETO, João; MACHADO, Érico. Arte e estética decolonial: um diálogo a partir da colonialidade do ver. **Práxis Educacional**, n. 19, p. 1–15, 2023. Disponível em: <https://periodicos2.uesb.br/index.php/praxis/article/view/12049/7351>. Acesso em: 29 ago. 2024.

PEREIRA, Maria Cristina Alves; NASCIMENTO, Adriana Gomes do. A imagem como ferramenta de instrumento social. **Indisciplinar**, v. 7, n. 2, p. 150–171, 2021.

QUIJANO, Anibal. Colonialidad del poder y clasificacion social. **Journal of world-systems research**, v. 11, n. 2, p. 342–386, 2000a.

QUIJANO, Anibal. Modernidad, colonialidad y América Latina. **Nepantla**, v. 1, n. 3, 2000b.

QUIJANO, Anibal. Colonialidade do poder, eurocentrismo e América Latina. //: LANDER, Lander (Org.). **A colonialidade do saber: eurocentrismo e ciências sociais, perspectivas latino-americanas**. Buenos Aires: Clacso, 2005. p. 227–278.

ROCHA, Ana Luiza Carvalho da; ECKERT, Cornelia. Projetos, desafios e consolidação de uma linha de pesquisa no Brasil: antropologia audiovisual. //: LANDA, Mariano Báez; ALVAREZ, Gabriel O. (Org.). **Olhar In(com)formado: teorias e práticas da Antropologia Visual**. Goiânia: UFG, CAPES, 2018. p. 25–101.

SANTOS, Boaventura de Souza. **O fim do império cognitivo: a afirmação das epistemologias do sul**. Belo Horizonte: Autêntica, 2019.

SCHLENKER, Alex. Alex Schlenker: descolonizar a arte para retomá-la como expressão da vida. Entrevista concedida a Maicon Rodrigo Rugeri, Marcela Lindarte, María Camila Ortiz e Oswaldo Freitz Carrillo. **Revista Epistemologias do Sul**, v. 3, n. 1, p. 22–35, 2019. Disponível em: <https://revistas.unila.edu.br/epistemologiasdosul/article/view/2433>. Acesso em: 29 ago. 2024.

SILVA, Sergio Luiz Pereira da. A fotografia e o processo de construção social da memória. **Ciências Sociais Unisinos**, v. 47, n. 3, p. 228–231, 2011. Disponível em: https://revistas.unisinos.br/index.php/ciencias_sociais/article/view/csu.2011.47.3.05. Acesso em: 29 ago. 2024.

WALSH, Catherine. Interculturalidad y Colonialidad del Poder: un pensamiento y posicionamiento otro desde la diferencia colonial. //: LINERA, Álvaro García; MIGNOLO, Walter; Walsh, Catherine (Org.). **Interculturalidad, descolonización del Estado y del Conocimiento**. Buenos Aires: Del Signo, 2014. p. 21–70.

Recebido em 19 de março de 2024.
Aprovado em 23 de agosto de 2024.